

NARRATIVAS NA PESQUISA EDUCACIONAL: UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA

Cristhiane Lopes Borrego

Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo; especialista em Direito Civil pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas; graduada em Direito pelas Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU.

Adriana Barroso de Azevedo

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1997) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), pós doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015).

RESUMO

Este artigo discute a epistemologia da pesquisa narrativa sob a perspectiva de Clandinin e Connelly (2015), com foco nas questões socioculturais e os resultados de trabalhos de mestrado e doutorado realizados no Programa de Pós-Graduação em Educação stricto sensu de uma universidade localizada na grande São Paulo, Brasil, entre 2018-2020. Partindo de uma abordagem metodológica qualitativa, o estudo investiga como a educação, sob diferentes perspectivas – histórica, sociológica e filosófica – se entrelaça com as narrativas educacionais. O artigo baseia-se no trabalho de Vilela et al. (2021), que explora as narrativas em contextos de formação educacional. Resultados apontam que a metodologia contribui ao interpretar as experiências narradas, proporcionando uma compreensão mais profunda dos fenômenos educacionais e sociais contemporâneos.

Palavras-chave: epistemologia, pesquisa narrativa, educação, stricto sensu.

Introdução

A epistemologia é o ramo da filosofia que trata da natureza do conhecimento, sua origem e limites. Na pesquisa científica, cada metodologia traz consigo um conjunto de pressupostos epistemológicos que determinam como o conhecimento é produzido, validado e utilizado.

Nesse sentido, a pesquisa narrativa é uma abordagem metodológica que visa compreender as experiências humanas por meio de relatos de vida dos narradores considerando os pressupostos e influências dos contextos históricos e socioculturais em que os participantes estão imersos – em outras palavras, os indivíduos são capazes de dar sentido às suas vivências, conectando-as aos seus contextos sociais, culturais e temporais. A narrativa, portanto, não é apenas uma forma de comunicação, mas um modo de pensar e compreender o mundo.

Em particular, a metodologia apresentada neste estudo fundamenta-se na ideia de que a experiência humana é essencialmente narrativa e que o conhecimento sobre esta é obtido pela interpretação das histórias compartilhadas pelas pessoas sobre aspectos específicos de suas vidas. Na perspectiva delineada por Clandinin e Connelly (2015) as narrativas não são apenas representações de eventos, mas constituem uma maneira de estruturar a realidade e de dar sentido às próprias experiências.

Por esse prisma, é possível estabelecer que a metodologia narrativa está ancorada na ideia de que as histórias que contamos sobre nós sob determinado evento ou fenômeno – é a experiência humana e ambas, as histórias contadas e a experiência humana, não podem ser separadas.

Isso significa que em vez de tentar descrever a realidade de maneira objetiva ou meramente declaratória, como ocorre em abordagens positivistas e quantitativas, a pesquisa narrativa se concentra nas interpretações subjetivas dos indivíduos e nas maneiras pelas quais estes constroem suas realidades – como apontado por Clandinin e Connelly (2015), a narrativa é uma forma essencial de pensamento e comunicação, e as experiências humanas são vividas e compreendidas através das histórias que narramos.

Ressalte-se que uma teoria da experiência é anterior a proposta metodológica dos autores canadenses, que a reconhecem até mesmo no emprego dos termos usados para pensar a pesquisa narrativa, reconhecendo que tais termos ou expressões conceituais estão estreitamente associados à teoria da experiência de John Dewey (1979), quando este afirma que “que há conexão orgânica entre educação e experiência pessoal” (p. 13).

Dewey desenvolveu o “continuum experiencial” como princípio da continuidade da experiência, que representa a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que estas conduzem a outras ininterruptamente (Dewey, 1979, p. 17). Ainda assim, adverte que “experiência” é um conceito que exige investigação, uma vez que compreendê-la depende de um estudo mais aprofundado sobre o que caracteriza a experiência.

Clandinin e Connelly ampliaram a percepção investigativa proposta por aquele educador para noções de situação, continuidade e interação, e advertem que os termos que adotam não são extrapolações daquela teoria, uma vez que Dewey é a referência criativa sempre presente na busca de resposta ao questionamento sobre o ‘por que narrativa?’ e a resposta sempre trará como causa final o encontro da experiência (Clandinin & Connelly, 2015, p. 85).

Ainda sob tal paradigma Clandinin e Connelly (2015) reconhecem que Dewey contribui para que pesquisadores narrativos pensem as experiências para além do espaço hermético que as restringem a uma simples noção de experiência que não pode ser investigada, e arrematam quando afirmam que “com Dewey, pode-se dizer mais, experiencialmente, do que ‘por causa de sua experiência’ quando se responde ‘por que uma pessoa faz o que faz’” (p. 85).

No Brasil, trabalhos acadêmicos vêm aplicando a metodologia em pesquisas de mestrado e de doutorado com resultados em diferentes campos de conhecimento na área da Educação uma vez que se constitui em uma abordagem metodológica robusta no campo da investigação qualitativa, especialmente onde a compreensão das experiências vividas pelos participantes é essencial para a construção de conhecimento.

Em trabalho publicado por Vilela *et al.* (2021), as autoras consideram que a adoção da metodologia como proposta de investigação científica e do fenômeno que se busca estudar, uma vez que a pesquisa narrativa em educação se estrutura com base em diretrizes específicas, tanto para a condução científica quanto para assegurar a validade de seus resultados.

Este artigo tem como objetivo apresentar a epistemologia da metodologia narrativa, examinando sua fundamentação teórica, aplicação prática e implicações no campo da pesquisa educacional em cenários socioculturais de grandes centros da realidade brasileira, e também a abordagem de pesquisadores que em suas investigações sobre formação de educadores destacam o impacto das narrativas dos participantes nos processos educacionais.

Abordaremos ilustrativamente como esses trabalhos se articulam com diferentes questões contemporâneas e como a metodologia pode contribuir para explorar as interseções em diferentes contextos socioculturais e seus reflexos em cenários da atual educação brasileira.

A epistemologia da pesquisa narrativa delineada por Clandinin e Connelly

Ao definirem a metodologia como uma forma de entender e interpretar a experiência no sentido proposto por John Dewey, Clandinin e Connelly concebem a pesquisa narrativa a partir da investigação dos seguintes termos: (i) pessoal e social; e (ii) passado, presente e futuro, fatores esses combinados à (iii) noção de lugar. Em outras palavras, a sua estrutura se estabelece nos seguintes pontos: a interação do sujeito ao sentido temporal de continuidade integrado à situação em que esse participante se identifica dentro da narrativa compartilhada com o pesquisador.

Esse conjunto estrutural é denominado pelos autores como espaço tridimensional, de maneira que “utilizando esse conjunto de termos, qualquer

investigação em particular é definida por este espaço tridimensional para a investigação narrativa” (Clandinin & Connelly, 2015, p. 85).

A identificação desse espaço permite ao pesquisador narrativo validar as histórias que os indivíduos contam e que não são meramente reflexos de uma realidade, e sim construções que envolvem interpretações pessoais moldadas por fatores culturais, sociais e temporais.

O método hermenêutico na pesquisa narrativa

A construção da metodologia requer o emprego de um método científico com uma abordagem que permita ao pesquisador adotar um percurso para conduzir a investigação, e se alinha com a abordagem hermenêutica, em particular com Ricoeur (2019) para quem a ideia da linguagem como discurso confere a possibilidade da reflexão dos modelos estruturais *langue/ língua e parole/fala*:

E mesmo que a *parole* se possa escrever cientificamente, cai sob a alça- da de muitas ciências, incluindo a acústica, a filosofia, a sociologia e a história das mudanças semânticas, ao para que a *langue* é o objecto de uma única ciência, a descrição dos sistemas sincrónicos da linguagem. (Ricoeur, 2019, p. 14)

Também acompanha o trabalho dos investigadores narrativos a proposta hermenêutica de Gadamer quando este afirma que:

Faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos ambos chegar a nos pôr de acordo com relação à coisa. (Gadamer, 1999, p. 561)

Ao enfatizar o papel do sujeito na construção do conhecimento, de maneira diversa de outras metodologias – que buscam confirmar ou refutar hipóteses – a pesquisa narrativa valoriza o contexto particular e as nuances da experiência individual e as histórias que os participantes contam não são meros reflexos de uma realidade objetiva, mas sim construções que envolvem interpretações pessoais moldadas por fatores culturais, sociais e temporais.

Logo, a subjetividade é reconhecida como fonte de conhecimento, o que é especialmente relevante em contextos educacionais por serem espaços onde as experiências dos participantes (estudantes, professores e gestores) são muitas vezes influenciadas por suas trajetórias de vida, crenças e interações sociais.

Assim, a metodologia da pesquisa narrativa permite uma compreensão mais ampla e contextualizada dos fenômenos pesquisados, que não pode ser captada por métodos que priorizam a objetividade e a quantificação.

Portanto, a consideração do pesquisador pela subjetividade é valorizada como uma fonte de conhecimento razão pela qual é uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa e de caráter investigativo na modalidade narrativa que se justifica porque estabelece uma abordagem em que o protagonismo é a voz dos seus participantes que se consolida em sua narrativa – o que permite identificar como as experiências de estudantes, professores e gestores são muitas vezes influenciadas por suas trajetórias de vida, crenças e interações sociais. O método hermenêutico permite uma compreensão e interpretação contextualizada desses fenômenos que não poderiam ser capturados por outros métodos científicos.

Desse modo, a epistemologia da pesquisa narrativa se alinha com abordagens interpretativas que enfatizam o papel do sujeito na construção do próprio conhecimento; ao contrário das abordagens objetivistas ou quantitativas, o trabalho de investigação narrativa valoriza o contexto particular e as nuances da experiência individual. Como estrutura metodológica sustenta-se na ideia de que a experiência humana não pode ser separada das histórias que contamos.

Isso significa que em vez de tentar descrever a realidade sob a maneira de um enunciado ou proposição (que podem restringir o tema da pesquisa se estiver amparado em condicionantes quantitativas, por exemplo), o pesquisador narrativo se concentra na interpretação possível das subjetividades e as maneiras pelas quais indivíduos constroem as suas percepções diante da proposta da pesquisa científica que está sendo realizada.

Como apontado por Clandinin e Connelly (2015), a narrativa é uma forma de pensamento e comunicação, e as experiências humanas são vividas e compreendidas por meio das histórias que narramos.

A metodologia da pesquisa narrativa, como forma de explorar as histórias individuais e coletivas, acompanhada do método hermenêutico, permite que pesquisadores acessem as camadas da experiência humana, oferecendo uma lente única para interpretar as realidades educacionais.

Tridimensionalidade

Como um dos elementos centrais na epistemologia da pesquisa narrativa está a tridimensionalidade (Clandinin & Connelly, 2015) toda narrativa possui três dimensões inter-relacionadas. Essas três dimensões são essenciais para compreender como as histórias se formam e como devem ser interpretadas no contexto da pesquisa.

Continuidade temporal

Essa dimensão refere-se ao fato de as narrativas sempre estarem situadas em relação ao tempo (passado, presente e futuro). As histórias que os indivíduos contam sobre suas vidas estão diretamente relacionadas a eventos passados, moldadas pelas suas experiências presentes e suas expectativas futuras. A narrativa é, portanto, um processo contínuo de construção e reconstrução de significados, à medida que os indivíduos reavaliam suas experiências e as reinterpretam à luz de

novas circunstâncias. Conforme Clandinin e Connelly (2015) destacam, “as narrativas estão em constante fluxo, e os significados atribuídos às experiências mudam ao longo do tempo” (p. 85).

No contexto educacional, a continuidade é particularmente importante, pois as experiências de aprendizagem e ensino não ocorrem em um campo neutro uma vez que são influenciados por histórias passadas que são refletidas no momento presente e projetadas para o devir. Por exemplo, docentes e estudantes podem narrar sobre suas trajetórias escolares (que envolve desafios e realizações do passado), os quais influenciam sua percepção atual do processo de ensino-aprendizagem e suas expectativas para o futuro.

Interações sociais

A segunda dimensão refere-se aos aspectos culturais contidos nas interações sociais, crenças e valores dos participantes e que influenciam diretamente suas narrativas. As interações pessoais e socioculturais moldam as narrativas – as histórias que os indivíduos contam são sempre influenciadas pelas suas relações com outras pessoas e pelos contextos sociais nos quais estão inseridos; as suas crenças, valores e normas culturais desempenham um papel central na construção das narrativas compartilhadas por serem inevitáveis nas histórias que as pessoas constroem sobre suas vidas.

De acordo com Ferrarotti (2010), a sociologia nos ajuda a compreender como as normas sociais e as estruturas culturais moldam as experiências e as narrativas individuais. Em contextos educacionais, isso é especialmente evidente, pois professores e estudantes vivenciam e constroem suas experiências dentro de sistemas institucionais, que por sua vez são moldados por práticas socioculturais e suas narrativas permitem que os pesquisadores explorem essas influências e compreendam como as interações sociais permeiam as histórias contadas pelos participantes.

A narrativa de um professor sobre suas práticas pedagógicas não é apenas uma descrição ordenada de suas ações, pois está profundamente enraizada nas interações sociais e culturais que desempenha com seus alunos, colegas e as instituições educacionais onde atua. Da mesma forma, as histórias dos discentes sobre suas experiências escolares refletem as influências das suas famílias, comunidades e culturas, levando à última dimensão.

Noção de lugar

A terceira dimensão da pesquisa narrativa refere-se ao contexto físico e ambiental em que as experiências ocorrem. O espaço não é apenas um cenário neutro para as histórias, ele influencia ativamente as experiências vividas e, portanto, as narrativas compartilhadas. O lugar onde as experiências acontecem — seja uma sala de aula, uma comunidade, ou uma instituição educacional molda a maneira como os indivíduos interpretam e dão sentido ao vivido.

No campo educacional, o espaço da escola, da sala de aula e da faculdade causam impacto profundo nas experiências dos sujeitos (educandos, professores, gestores). A falta ou a precariedade de recursos adequados em uma escola podem influenciar as experiências e consequentemente as narrativas dos estudantes sobre suas oportunidades de aprendizagem; de maneira semelhante, o ambiente cultural de uma instituição molda as narrativas dos professores sobre suas práticas pedagógicas; e empecilhos administrativos de uma instituição podem frustrar a execução de inovações propostas por gestores.

A noção de lugar também se estende a um contexto cultural mais amplo uma vez que as narrativas são sempre contadas dentro de uma conjuntura específica para o narrador e a compreensão das histórias por parte do pesquisador requer o entendimento cuidadoso dos fatores culturais que moldam a experiência compartilhada. Isso é particularmente importante em ambientes educacionais cujos meios influenciam a maneira como os indivíduos vivenciam e interpretam a educação em si.

A tridimensionalidade propositiva de Clandinin e Connelly (2015) valida o processo investigativo visto que a temporalidade se refere à maneira como as narrativas estão situadas para o sujeito participante em relação ao passado, presente e futuro, enquanto desenvolve a sua interação pessoal (emocional) e social (cultural) que influenciam a construção subjetiva da experiência. Por último, a sua noção de lugar, esclarece a importância do contexto físico e ambiental onde a experiência ocorre.

Soma-se ao conjunto tridimensional estabelecido na pesquisa narrativa em curso, um de seus diferenciais: a sua capacidade de integrar teoria e prática de maneira fluida, proporcionando uma compreensão mais rica e aprofundada do fenômeno investigado. Isso se deve porque as histórias de vida compartilhadas pelos participantes permitem que os pesquisadores acessem elementos qualitativos que muitas vezes são desprezados por outras estruturas metodológicas.

Há uma característica distinta que diferencia essa metodologia das abordagens formalistas e quantitativas: as pessoas são representações vivas de suas histórias. Em vez de focar em categorias formais, é a individualidade dos participantes narradores que tem relevância no processo de investigação (Clandinin & Connelly, 2015, p. 77), o que reforça a impossibilidade prévia de se formular hipóteses a serem verificadas ou descartadas nesse tipo de pesquisa.

A experiência humana como base para o conhecimento

Ao se afastar da busca por generalizações e dados quantitativos, a pesquisa narrativa concentra-se na compreensão profunda das experiências individuais, reconhecendo que estas são únicas ao mesmo tempo que carregam significados universais.

Passeggi (2011) destaca que a narrativa é um processo civilizatório pelo qual os indivíduos constantemente reavaliam suas experiências e as ressignificam em função de novos entendimentos culturais. Esse processo

de ressignificação é central para a pesquisa narrativa, pois permite que os indivíduos não apenas contem suas histórias, mas também reflitam sobre elas, oferecendo insights valiosos para a investigação científica.

Essa premissa no contexto educacional oferece uma maneira de acessar as complexidades das práticas pedagógicas e das experiências de aprendizagem. As histórias contadas por professores e alunos oferecem uma janela para compreender as interações que moldam o processo educacional, além disso, permite que os pesquisadores explorem como essas interações evoluem no tempo, à medida que os indivíduos compartilham reflexões sobre suas experiências e as reinterpretam à luz de novas circunstâncias.

É importante reconhecer que a pesquisa narrativa também apresenta desafios, especialmente no que diz respeito ao trabalho interpretativo das histórias contadas pelos participantes, o que destaca o papel central do pesquisador nesse processo, pois a ele cabe interpretar as narrativas de maneira cuidadosa, levando em conta os contextos sociais e culturais em que as histórias foram contadas sem se afastar do (seu) objetivo científico.

Seguindo levantamento realizado por Vilela et al. (2021), os pesquisadores canadenses Clandinin e Connelly (2015) estabelecem parâmetros para a realização da pesquisa narrativa de modo a serem observados os elementos-chave que a constituem:

a pessoa dos participantes (pp. 77-79); a tridimensionalidade (p. 85); a narrativa da(s) experiência(s) (p. 49); o entrelaçamento das narrativas com aporte teórico (pp. 74-75); a elaboração do pensamento narrativo (p. 71); e o papel e o lugar do pesquisador narrativo (pp. 79-80). (Vilela et al., 2021, p. 77)

Outro fator preponderante diz respeito ao estrato cultural a que se pertence o qual desempenha um papel crucial na maneira como as pessoas constroem e narram suas histórias e relatam as suas experiências, daí o papel

preponderante do método hermenêutico na viabilidade do diálogo entre pesquisador e participante (conversação hermenêutica) e posteriormente no trabalho interpretativo na composição do texto de pesquisa.

Nesse sentido, a sociologia contribui para o entendimento sobre como as normas sociais, valores e tradições moldam as narrativas individuais; em contextos educacionais, essas influências são particularmente evidentes, uma vez que docentes e discentes vivenciam suas experiências dentro de um sistema que é simultaneamente influenciado por práticas institucionais e culturais, pois:

[...] expandindo os horizontes da pesquisa e de sua revisão bibliográfica, nós, pesquisadores narrativos, temos especial interesse na presença humana e suas ações na esfera da educação, pois, repetindo as palavras de Franco Ferrarotti (2010) busca-se pelo método que reconhece na subjetividade um valor de conhecimento qualitativo. (Vilela et al., 2021, p. 76)

Na próxima seção, apresentaremos alguns resultados da aplicação da metodologia com foco em estudos educacionais no *stricto sensu* de uma universidade localizada no município de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo, Brasil. Serão discutidas as etapas de aplicação da metodologia, bem como as contribuições teóricas e práticas desses estudos.

Etapas da Pesquisa Narrativa

A aplicação da pesquisa narrativa segue uma série de etapas. Embora a flexibilidade seja uma característica marcante dessa metodologia, algumas etapas são comumente seguidas para garantir a validade e a confiabilidade da pesquisa em si. A seguir, detalharemos as principais etapas do processo de pesquisa narrativa, conforme aplicado em contextos educacionais.

Definição do problema de pesquisa e escolha dos participantes

A primeira etapa na aplicação da pesquisa narrativa é a definição clara do problema de pesquisa e a seleção dos participantes. Diferentemente de outras abordagens qualitativas, a pesquisa narrativa se concentra em investigar as histórias de vida dos indivíduos em relação a um aspecto específico. Portanto, o problema de pesquisa deve ser formulado de maneira que permita a exploração das experiências dos participantes.

Na área da Educação, os problemas de pesquisa geralmente giram em torno de questões como as práticas pedagógicas, as trajetórias de formação de professores ou os desafios enfrentados pelos estudantes. A seleção dos participantes é uma parte crítica do processo, pois as histórias que serão compartilhadas dependem de quem participa da pesquisa, e em muitos estudos, os participantes são selecionados com base nas características do estudo, seja ele a inclusão de alunos com deficiência, o uso de tecnologias digitais na sala de aula, ou a formação inicial de professores.

Prospecção das Narrativas

Uma vez definido o problema de pesquisa e os seus participantes é realizada a recolha das narrativas. O método mais comum na pesquisa narrativa é o dialógico, o que envolve estabelecer um vínculo de confiança com os participantes para que compartilhem as suas trajetórias relacionadas ao tema da pesquisa em questão. As entrevistas são geralmente realizadas de maneira aberta e não estruturada, permitindo que o pesquisador guie a conversa permitindo aos participantes que forneçam detalhes de suas experiências.

Além das entrevistas, outros métodos são adotados, tais como: pesquisa-formação, investigação documental, imagens, diários, cartas, gravações de áudios e de vídeos. Em certos estudos, as tecnologias disponíveis incentivam os coparticipantes a compartilharem suas

reflexões em forma de mensagem de texto, de áudio ou mesmo vídeo. Tais processos são dinâmicos e flexíveis, pois tornam a narrativa fluida à medida que o participante revisita suas memórias e as reconstrói durante o processo de contar.

No estudo de Vilela (2018), por exemplo, as narrativas de surdocegos foram obtidas para explorar suas experiências de inclusão/exclusão educacional e exigiu que os encontros realizados contassem com a mediação de guias-intérpretes além de educadores envolvidos no processo que forneceram in loco a compreensão das barreiras culturais e institucionais enfrentadas pelos participantes e suas interações com o ambiente educacional e social.

Interpretação das Narrativas

A leitura preliminar das transcrições ou a escuta das gravações se constitui é fase crucial da pesquisa narrativa. Diferentemente de metodologias que buscam padrões universais nos dados, a pesquisa narrativa está interessada em interpretar o significado das histórias compartilhadas com os pesquisadores.

O trabalho inicial de leitura das narrativas envolve identificar os temas principais que emergem das histórias, bem como as interações entre esses temas e as dimensões temporais, sociais e espaciais que foram discutidas anteriormente. A tridimensionalidade da experiência orienta essa etapa.

Um exemplo prático de análise narrativa pode ser encontrado no estudo de Borrego (2020), que trabalhou com as histórias de vida de estudantes ingressantes e concluintes do curso superior em Gastronomia e Eventos, cursos superiores de curta duração, com origens, faixas etárias e objetivos bastante distintos uns dos outros. Ao apresentar as narrativas dos participantes, a pesquisadora optou em apresentar como as experiências de aprendizagem foram moldadas tanto pelos fatores institucionais quanto pelas interações sociais com professores e colegas.

Além disso, revelou-se como os discentes reinterpretaram a experiência escolar no decorrer de suas trajetórias acadêmicas, destacando as influências de contextos socioculturais específicos, tais como: idade (menos de 20 anos ou acima dos 40 anos), origem social, objetivos profissionais e projeto de vida com a formação.

Apresentação dos Resultados

Como trabalho científico, a última etapa envolve a apresentação dos resultados. Diferentemente de pesquisas quantitativas em que são coletados dados e tratados de forma a poderem ser quantificados, na modalidade da pesquisa narrativa trabalha-se com elementos qualitativos apresentados por meio de excertos das histórias partilhadas, sendo selecionados aqueles que capturaram a essência da investigação científica realizada – as passagens destacadas no texto final são organizadas em torno do tema do estudo realizado a título de dissertação, tese ou artigo científico.

Na produção do seu texto final, o pesquisador deve garantir que as histórias dos participantes sejam representadas de maneira ética e precisa, preservando a integridade dos conteúdos compartilhados. Isso envolve uma negociação cuidadosa com os participantes, que muitas vezes são consultados durante o processo de escrita para garantir que suas histórias sejam empregadas de maneira fiel, consequentemente garantindo a legitimidade do trabalho científico.

Some-se a isso a preocupação da legislação brasileira que estabelece o sistema nacional de ética em pesquisa com seres humanos e define regras e princípios para a condução de pesquisas e diretrizes para a análise ética, define as responsabilidades de pesquisadores e o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

Aplicação da pesquisa narrativa em Educação no cenário brasileiro de centros urbanos

Por consistir em histórias de vida a pesquisa narrativa oferece um campo rico para a investigação dos fenômenos educacionais. Por meio do estudo e interpretação de narrativas, os pesquisadores acessam não apenas os eventos superficiais, mas também as nuances, emoções e significados atribuídos pelos indivíduos às suas vivências. Nesta seção, serão apresentados trabalhos específicos que aplicaram a pesquisa narrativa em diferentes contextos educacionais, revelando como essa abordagem metodológica pode trazer à tona insights profundos sobre práticas pedagógicas/inclusivas e o uso de tecnologias.

A experiência dos surdocegos no sistema educacional brasileiro

No trabalho de mestrado de Vilela (2018), sob o título “Surdocegos e os desafios nos processos socioeducativos: os mediadores e a tecnologia assistiva”, a pesquisadora explorou as histórias de vida de surdocegos que estavam inseridos em programas de inclusão educacional. Foram realizadas entrevistas narrativas com os alunos, mediadores e professores, e em seu estudo a pesquisadora focou em como as experiências desses alunos eram moldadas pelas barreiras institucionais e culturais que encontravam.

A inclusão de alunos com deficiências nos sistemas de ensino ainda é um desafio enfrentado por instituições educacionais ao redor do mundo, o Brasil não é exceção. A pesquisa narrativa oferece uma abordagem particularmente eficaz no enfoque das experiências desses alunos, permitindo que suas inquietações sejam ouvidas e que suas histórias sejam difundidas. Trabalhos como o de Vilela (2018) sobre a inclusão de surdocegos capturam a complexidade das interações entre pessoas deficientes e o sistema educacional.

O trabalho entremeado pelas narrativas revela que a falta de recursos adequados, como tecnologias assistivas e profissionais capacitados, dificulta a inclusão escolar e o processo de aprendizagem de surdocegos.

Além disso, a cultura institucional muitas vezes não está preparada para lidar com as necessidades desses estudantes o gerava a sensação de exclusão e isolamento. Um dos participantes, por exemplo, relatou como frequentemente se sentia “invisível” nas atividades escolares, devido a incapacidade dos professores em adaptar as práticas pedagógicas às (suas) necessidades específicas.

Apesar das dificuldades, os relatos também revelaram histórias de resiliência e superação. Alunos e seus mediadores desenvolveram estratégias criativas para contornar as limitações do sistema, utilizando tecnologias como tablets e softwares adaptados para facilitar a comunicação. Vilela (2018) destaca como essas experiências oferecem diretrizes relevantes para a formulação de políticas educacionais inclusivas.

Sob a perspectiva dos mediadores outro aspecto emergiu de suas narrativas, ao evidenciarem o papel fundamental desempenhado por estes no processo de inclusão: são profissionais que atuam como pontes entre os alunos surdocegos e o ambiente escolar, e enfrentam desafios tanto em termos de recursos limitados quanto em relação à falta de compreensão das necessidades dos alunos por parte das instituições.

Nas palavras de um dos entrevistados, “muitas vezes, eu sinto que estamos lutando uma batalha perdida, pois o sistema não está preparado para os nossos alunos. Mas cada pequena vitória, cada momento em que eles conseguem aprender algo novo, vale a pena” (Vilela, 2018).

Por intermédio das narrativas dos participantes e de seus mediadores, Vilela evidenciou uma série de barreiras culturais e institucionais que dificultavam a inclusão nas escolas, com narrativas reveladoras da ausência de recursos adequados que afetam as oportunidades educacionais dos surdocegos.

As narrativas de aprendizagem com tecnologias digitais na educação básica

Em seu trabalho de tese, denominado “Recursos digitais na matemática: prática docente na perspectiva de narrativas discentes do ensino fundamental”, Moraes (2018) utilizou a pesquisa narrativa para investigar como os alunos do ensino fundamental de uma escola pública no município de São Paulo vivenciavam o uso de tecnologias digitais nas aulas de matemática. As narrativas dos alunos revelaram uma ampla gama de experiências, desde o entusiasmo pelo uso de novos recursos até as dificuldades encontradas na adaptação às ferramentas tecnológicas.

Uma participante da 6ª série do ensino fundamental relatou: “Quando usamos os tablets nas aulas de matemática, eu me sinto mais envolvida e consigo aprender melhor, porque podemos ver os exemplos em tempo real e interagir com eles” (Moraes, 2018). Essa narrativa ilustra como as tecnologias digitais podem tornar o aprendizado mais dinâmico e acessível para os alunos.

Por outro lado, relatos também evidenciaram ao pesquisador que nem todos os alunos tinham o mesmo nível de acesso ou familiaridade com as tecnologias, o que gerava desigualdades no processo de aprendizagem. Outro aluno, por exemplo, relatou que em casa não tinha acesso a computador e a internet, o que dificultava a realização de atividades que exigiam o uso de plataformas digitais – embora as tecnologias possam oferecer novas oportunidades de aprendizagem, também é necessário garantir que todos tenham acesso equitativo às ferramentas.

As narrativas dos professores no mesmo estudo revelaram que a mediação pedagógica desempenha um papel crucial no sucesso da integração das tecnologias digitais. Professores relataram que, sem uma orientação adequada, os alunos poderiam facilmente se distrair ou usar as tecnologias de maneira inadequada. No entanto, com a mediação adequada, as ferramentas digitais poderiam potencializar o aprendizado (Moraes, 2018).

Um professor entrevistado afirmou: “Minha maior preocupação era que os alunos ficassem mais interessados nas distrações oferecidas pelas plataformas do que no conteúdo. Mas, ao orientá-los e mediar o uso dessas ferramentas, percebi que elas podiam ser um recurso poderoso para facilitar o entendimento dos conceitos matemáticos” (Moraes, 2018). Essa passagem demonstra que a integração bem-sucedida das tecnologias na sala de aula depende não apenas da disponibilidade das ferramentas, mas também da capacidade dos professores de orientar e mediar seu uso de maneira eficaz.

A trajetória de professores em formação

A formação de professores é outro tema amplamente investigado por meio da pesquisa narrativa, especialmente no que diz respeito à transformação das práticas pedagógicas na passagem do tempo. O estudo das trajetórias de vida dos educadores permite compreender como suas experiências pessoais e profissionais influenciam suas abordagens pedagógicas, suas interações com os alunos e sua adaptação às mudanças institucionais e tecnológicas.

Na dissertação de mestrado, sob o título “Metodologias ativas e TDIC nas práticas pedagógicas: um olhar sobre a formação e o trabalho docente no curso superior de tecnologia em hotelaria”, Gomes (2019) utilizou a pesquisa narrativa para investigar as práticas docentes e a (re) interpretação suas práticas pedagógicas à medida que integravam as tecnologias (TDIC) em suas aulas, após receberem formação no uso dessas tecnologias em oficinas de formação para esse fim. O estudo focou em professores do Curso Superior de Tecnologia, de curta duração¹, que relataram suas experiências por meio de seus diários de bordo nos quais registravam suas impressões (entre os processos formativos oferecidos pela pesquisadora e a prática em sala de aula), descrevendo como a aprendizagem foi moldada pelas interações institucionais e tecnológicas.

As narrativas trazidas para o trabalho de pesquisa de Gomes (2019) revelaram que os docentes inicialmente relutavam em adotar as novas tecnologias digitais, principalmente devido à falta de familiaridade com as ferramentas e pela percepção de que poderiam “desumanizar” o processo de ensino. No entanto com o apoio de programas de formação continuada oferecidos pela pesquisadora como parte de sua investigação, os professores começaram a reinterpretar suas práticas pedagógicas e a enxergar as tecnologias como aliadas no processo de ensino-aprendizagem.

Um entrevistado relatou: “No início, eu sentia que o uso de tablets e plataformas digitais afastava os alunos da interação pessoal, mas, com o tempo, percebi que essas ferramentas, quando bem utilizadas, podem aproximar o aluno do conteúdo de maneira mais dinâmica” (Gomes, 2019). Esse depoimento ilustra como a trajetória formativa dos professores envolve não apenas a aquisição de habilidades técnicas, mas também uma transformação nas suas percepções sobre o papel das tecnologias na educação.

Outro aspecto importante identificado no estudo foi o papel da reflexão crítica no processo de transformação pedagógica. Os textos dos professores revelaram que a prática reflexiva —ou seja, a capacidade de refletir sobre as próprias ações e ajustar as práticas pedagógicas com base nessa reflexão— era fundamental para a integração bem-sucedida das novas tecnologias em sala de aula.

No decorrer das oficinas formativas, um dos professores relatou que começou refletir criticamente sobre uma ferramenta essencial para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos e ao contexto institucional, assim ele afirmou: “Percebi que, se eu não refletisse constantemente sobre o que estava funcionando e o que não estava, eu acabaria apenas repetindo os mesmos erros. A reflexão me permitiu ver a tecnologia como uma oportunidade, não como uma barreira” (Gomes, 2019).

Esses relatos sugerem que a transformação das práticas pedagógicas é um processo contínuo, que envolve não apenas a aquisição de novas competências técnicas, como também uma mudança nas atitudes e na maneira como docentes percebem o ofício de ensinar. A pesquisa narrativa, ao capturar essas histórias de transformação, oferece uma visão sobre os desafios e as oportunidades enfrentados pelos professores no decurso de suas carreiras.

Os estudos de caso apresentados nesta seção demonstram como a pesquisa narrativa pode ser aplicada para investigar um amplo campo de fenômenos educacionais, desde a inclusão de alunos com deficiências até a transformação das práticas pedagógicas e o uso de tecnologias digitais no ensino. As narrativas dos participantes revelam as complexas interações entre fatores sociais, culturais e institucionais que moldam as experiências de aprendizagem e ensino.

A pesquisa narrativa, ao captar essas histórias detalhadas, oferece valioso material para os formuladores de políticas educacionais e para os educadores, permitindo que compreendam as nuances e as implicações práticas das mudanças no ambiente educacional. Além disso, as narrativas permitem que os participantes reflitam sobre suas próprias experiências e identifiquem oportunidades para transformação e crescimento.

As narrativas no campo da justiça restaurativa¹

Em trabalho de mestrado, sob o título “Percepções sobre a justiça restaurativa sob a ótica dos participantes envolvidos: estudo de uma escola da baixada santista”, Santos Filho (2019) utilizou a metodologia da pesquisa narrativa para investigar como essa abordagem foi renovada em uma escola de Santos, estado de São Paulo, Brasil.

1 A justiça restaurativa é um método de resolução de conflitos que envolve a participação de vítima, ofensor e, quando apropriado, outros envolvidos no crime. O objetivo é que as partes cheguem a um acordo para reparar os danos e promover a reconciliação. A Política Nacional de Justiça Restaurativa foi instituída no Poder Judiciário pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2016.

Através dos relatos de professores e alunos envolvidos, o estudo revelou como as práticas restaurativas² ajudaram a transformar as interações entre os alunos, promovendo um ambiente de maior respeito e colaboração. As histórias contadas pelos participantes demonstraram como a justiça restaurativa não só impactou as práticas disciplinares, mas também moldou as relações sociais dentro da escola.

Narrativas de formação em cursos superiores de curta duração²

Na dissertação de mestrado, denominada “A formação nos cursos superiores de tecnologia: um estudo das narrativas discentes”, Borrego (2020) investigou como os estudantes ingressantes e concluintes dos cursos superiores de tecnologia em eventos e gastronomia reinterpretaram suas trajetórias formativas e de vida por meio das narrativas de aprendizagem.

A pesquisadora utilizou a pesquisa narrativa para captar as interações entre os fatores institucionais e as experiências individuais, destacando quais os fatores motivacionais conduzem o indivíduo a ingressar na modalidade de ensino superior e quais as necessidades do educando para aprender/aperfeiçoar uma profissão; a pesquisa também procurou identificar como a modalidade de ensino tecnológico pode contribuir para que o discente realizasse os seus planos e os elementos que concorrem para o ingresso no ensino superior de curta duração e as perspectivas que colaboram para a formação profissional dos concluintes.

A pesquisa narrativa aplicada no campo educacional

Ao destacar as experiências individuais e coletivas em contextos educacionais, as pesquisas sob a metodologia narrativa geram repercussões significativas tanto para a prática pedagógica quanto para a formulação de políticas educacionais.

² No Brasil os denominados CST são cursos superiores de curta duração (2-3 anos), diversamente dos bacharelados e licenciaturas (4-5 anos).

Ao se basear na premissa de que as histórias contadas pelos participantes revelam mais do que simples fatos, mas também valores, crenças e interpretações de suas experiências, essa metodologia oferece uma maneira profunda de compreender e transformar a educação. Nesta seção, discutiremos as implicações mais amplas da pesquisa narrativa para o campo educacional, destacando sua importância na construção de uma educação mais inclusiva, reflexiva e centrada nas experiências dos indivíduos.

A adoção da pesquisa narrativa no campo educacional tem se mostrado como uma abordagem eficaz para capturar as complexas interações entre professores, alunos e as instituições educacionais. Diversos estudos já aplicaram essa metodologia para investigar temas como a formação de professores, a inclusão educacional, e o uso de tecnologias digitais no ensino. Esses estudos, ao utilizarem as narrativas dos participantes como dados primários, fornecem uma visão detalhada das experiências vívidas, permitindo aos pesquisadores acessar camadas de significado que muitas vezes são ignoradas por metodologias quantitativas.

No Brasil, essa metodologia tem sido utilizada em programas de pós-graduação em educação para investigar as experiências de professores e aulas em diferentes contextos socioculturais. Em trabalho publicado Vilela et al. (2021) demonstraram o propósito da pesquisa narrativa para explorar as experiências formativas de professores e educadores em suas dissertações e tese.

Esses estudos demonstram como as narrativas podem ser usadas para compreender a formação docente em diferentes contextos e como as histórias de vida dos participantes revelam as interações entre fatores sociais, culturais e institucionais.

Na dissertação de Vilela (2018), a cultura da inclusão educacional é explorada por meio das narrativas de surdocegos e seus desafios no contexto socioeducativo, também é destacado como a falta de recursos culturais adequados para a inclusão pode restringir a experiência

educativa dos participantes; as narrativas coletadas mostram como a realidade institucionalizada afeta diretamente o acesso à educação e o processo de formação desses indivíduos.

Esses relatos evidenciam que a inclusão de pessoas com deficiência é, em grande parte, moldada pelas práticas e políticas educacionais insuficientes à realização do processo de inclusão propriamente.

A pesquisa de Borrego (2020) reflete sobre como as narrativas de estudantes em cursos superiores de curta duração são influenciadas pelas mudanças históricas na educação e pelas inovações tecnológicas. As narrativas compartilhadas pelos participantes destacam as transformações culturais proporcionadas pelo ambiente educacional, especialmente no que diz respeito à adoção de tecnologias digitais; ao integrar essas ferramentas no ensino, as experiências narradas revelam tanto os benefícios quanto os desafios que as novas tecnologias trazem para a cultura educacional, mostrando uma adaptação contínua aos novos cenários.

Numa reflexão filosófica, a metodologia adotada demonstra como a experiência humana é ressignificada no decorrer dos anos. Passeggi (2011) afirma que a narrativa é um processo civilizatório, no qual os indivíduos reavaliam continuamente suas experiências com base em novos entendimentos culturais, da seguinte forma:

[...] o termo experiência, como se sabe, deriva do latim *experientia*/ *ae* e remete à “prova, ensaio, tentativa”, o que implica da parte do sujeito a capacidade de entendimento, julgamento, avaliação do que acontece e do que lhe acontece. Larrosa (2002) e Martin Jay (2009) lembram a associação entre experiência e perigo, na medida em que “provar” (*expereri*) contém a mesma raiz (*per*) de “perigo” (*periculum*). Mas, foi a partir da reflexão sobre os termos *Erlebnis* e *Erfahrung*, equivalentes de experiência em alemão, que começamos a dar uma atenção especial à ressignificação da experiência e a melhor problematizá-la em nossos estudos. (Passeggi, 2011, p. 148)

Portanto, as experiências educacionais, nesse sentido, são moldadas pelas interações entre indivíduos e seus contextos culturais. Isso é evidenciado no estudo de Santos Filho (2019), que explora a justiça restaurativa no ambiente escolar e como as narrativas dos participantes refletem uma transformação nas práticas disciplinares escolares, apontando para uma mudança cultural no modo como conflitos são gerenciados.

Os resultados das investigações aqui compartilhadas visam contribuir para a compreensão de como as diferentes questões socioculturais da sociedade brasileira afetam os processos educacionais e formativos.

Esses exemplos, entre outros, revelam que a metodologia da pesquisa narrativa, ao incorporar a questão sociocultural em seus estudos, oferece uma perspectiva rica e profunda sobre como as experiências educacionais que são moldadas por fatores sociais e culturais de cada participante em contexto próprio.

Desse modo, a metodologia proposta por Clandinin e Connelly (2015) permite aos pesquisadores a captura das nuances dessas interações cotidianas e proporcionam uma compreensão mais ampla do fenômeno educacional.

Contribuições para a reflexão e transformação das práticas pedagógicas

As narrativas dos participantes da pesquisa oferecem aos educadores uma visão rica e detalhada das realidades vividas pelos alunos e professores em contextos educacionais. Ao capturar essas histórias, a pesquisa narrativa permite que os educadores reflitam sobre suas práticas e identifiquem áreas onde mudanças podem ser necessárias para melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Uma das contribuições mais importantes da pesquisa narrativa para o campo educacional é sua capacidade de promover a reflexão crítica de educadores, educandos e gestores. As histórias contadas pelos professores em seus próprios processos de formação, como discutido no estudo de Gomes

(2019), mostram que a prática reflexiva é essencial para a transformação pedagógica; ao refletirem sobre suas experiências passadas, os professores podem identificar as barreiras e desafios que enfrentaram e, a partir dessas reflexões, podem adaptar e melhorar suas práticas pedagógicas.

Por exemplo, um professor que inicialmente se mostrava relutante em utilizar tecnologias digitais em sala de aula, após refletir sobre as narrativas de seus próprios alunos e colegas, pode perceber que tais ferramentas, quando usadas adequadamente, podem melhorar o engajamento e a compreensão dos estudantes – a pesquisa narrativa incentiva essa reflexão contínua, proporcionando um espaço para que os educadores reavaliem suas crenças e práticas pedagógicas à luz das experiências compartilhadas.

A prática reflexiva também contribui para a construção de uma pedagogia mais crítica e responsiva às necessidades dos alunos. Ao conhecerem as percepções dos alunos sobre suas dificuldades e sucessos, os professores podem ajustar suas abordagens para atender melhor às necessidades individuais de cada estudante. Isso é especialmente importante em contextos de inclusão, em que educadores precisam adaptar suas práticas para acomodar alunos com diferentes habilidades e necessidades.

Outro aspecto importante que a pesquisa narrativa destaca é a importância do contexto sociocultural na prática pedagógica. As narrativas dos participantes frequentemente revelam como suas experiências educacionais são moldadas por fatores culturais, sociais e econômicos. No estudo de Vilela (2018), por exemplo, as narrativas dos alunos surdocegos mostraram como a falta de uma cultura inclusiva nas instituições educacionais dificultava suas experiências de aprendizagem. Da mesma forma, no estudo de Moraes (2019), as narrativas dos alunos mostraram como as desigualdades de acesso às tecnologias digitais afetavam seu desempenho acadêmico.

Ao compreender essas influências socioculturais, os educadores podem adotar práticas pedagógicas que sejam mais sensíveis às realidades vividas pelos alunos. Isso implica não apenas a adaptação das estratégias de

ensino para atender às necessidades específicas dos alunos, mas também a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo, onde todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de sucesso.

A pesquisa narrativa também tem implicações importantes para a formação de professores, especialmente no que diz respeito à construção de uma identidade profissional reflexiva e crítica. Os programas de formação de professores que incorporam a pesquisa narrativa incentivam os futuros educadores a refletir sobre suas próprias experiências como alunos e a considerar como essas experiências influenciam suas práticas pedagógicas.

A formação de uma identidade profissional crítica é um dos principais benefícios da pesquisa narrativa na formação de professores. Ao compartilhar suas histórias de vida e suas trajetórias formativas, os professores em formação podem reconhecer os desafios e as oportunidades que moldaram sua própria educação e, a partir disso, construir uma prática pedagógica mais crítica e consciente.

A reflexão sobre as experiências pessoais permite que os professores questionem práticas pedagógicas tradicionais e busquem maneiras de adaptar suas abordagens para melhor atender às necessidades de seus alunos.

No estudo de Gomes (2019), por exemplo, os professores que participaram do programa de formação continuada começaram a reinterpretar suas práticas pedagógicas ao refletirem sobre suas experiências passadas com o uso de tecnologias digitais. Essa reflexão crítica levou muitos professores a transformar suas abordagens, adotando estratégias mais inclusivas e centradas no aluno. Isso demonstra que a pesquisa narrativa não apenas ajuda os professores a refletirem sobre suas práticas, mas também contribui para a construção de uma identidade profissional baseada na adaptação e na inovação pedagógica.

A pesquisa narrativa também pode ser uma ferramenta positiva no estudo da formação continuada de professores. Ao longo de suas carreiras, os professores enfrentam novos desafios e mudanças no

ambiente educacional, como a introdução de novas tecnologias, mudanças nas políticas educacionais e a inclusão de alunos com necessidades especiais.

Em programas de formação continuada, a pesquisa narrativa pode ser usada para incentivar os professores a compartilhar suas histórias de sucesso e dificuldades, criando um espaço de troca de experiências e aprendizado colaborativo. Isso permite que os professores aprendam uns com os outros, ao mesmo tempo em que refletem sobre suas próprias práticas pedagógicas. Ao integrar a pesquisa narrativa na formação continuada, as instituições educacionais podem promover uma cultura de aprendizagem entre os educadores, incentivando a reflexão crítica e a busca pela inovação pedagógica.

As narrativas coletadas por meio da pesquisa narrativa também oferecem insights valiosos para a formulação de políticas educacionais mais inclusivas e equitativas. As histórias dos participantes revelam as barreiras institucionais e sociais que muitas vezes impedem o sucesso educacional de determinados grupos de alunos, como aqueles com deficiências, alunos de comunidades carentes ou alunos de minorias étnicas. Ao compreender essas barreiras, os formuladores de políticas podem desenvolver intervenções mais eficazes para promover uma educação mais justa e acessível para todos.

Uma das áreas em que a pesquisa narrativa tem maior potencial de impacto é no desenvolvimento de políticas de inclusão educacional.

Entendemos que os relatos dos participantes fornecem aos formuladores de políticas públicas uma visão clara dos desafios enfrentados pelos alunos com deficiências e sugerem possíveis soluções para melhorar a inclusão educacional, como é possível identificar nos trabalhos de Vilela (2018) e Santos Filho (2019).

Ao considerar essas histórias na formulação de políticas públicas, os governos e as instituições educacionais podem adotar medidas para garantir a equidade entre os educandos. Isso pode incluir a alocação

de recursos adicionais para tecnologias assistivas, a formação de professores para trabalhar com a justiça restaurativa e a criação de ambientes escolares mais inclusivos.

Outra área em que a pesquisa narrativa pode informar a formulação de políticas educacionais é a questão das desigualdades no acesso às tecnologias digitais. No estudo de Moraes (2019), as narrativas dos alunos revelaram que muitos enfrentavam dificuldades para acessar as ferramentas tecnológicas necessárias para participar plenamente das atividades educacionais. Essas dificuldades, que muitas vezes são resultado de desigualdades socioeconômicas, criam uma lacuna digital que afeta negativamente o desempenho acadêmico dos alunos.

Ao coletar e interpretar essas narrativas, os formuladores de políticas podem identificar áreas onde intervenções são necessárias para reduzir as desigualdades digitais e garantir que todos os alunos tenham acesso às tecnologias educacionais. Isso pode incluir a criação de programas de financiamento para fornecer equipamentos e acesso à internet para alunos de baixa renda, bem como a promoção de iniciativas de inclusão digital nas escolas públicas. Além disso, as narrativas dos professores podem revelar a necessidade de programas de formação continuada para capacitar os educadores a utilizar as tecnologias digitais de maneira eficaz em sala de aula.

As narrativas dos discentes sobre suas trajetórias formativas também oferecem subsídios importantes para a formulação de políticas de formação de professores. No estudo de Borrego (2020), as narrativas dos estudantes em formação revelaram a importância da prática reflexiva e do apoio institucional no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras. As histórias sugerem que os programas de formação de professores devem enfatizar não apenas o desenvolvimento de competências técnicas, mas também a construção de uma identidade profissional crítica e reflexiva.

Os formuladores de políticas podem utilizar essas narrativas para desenvolver programas de formação de professores que incentivem a reflexão crítica e a inovação pedagógica.

Ao destacar as experiências individuais e coletivas em contextos educacionais, o trabalho dos pesquisadores gera implicações significativas tanto para as práticas pedagógicas em diferentes níveis (da educação básica até o ensino superior) quanto para a formulação de políticas educacionais. Ao se basear na premissa de que as histórias contadas revelam mais do que fatos, também valores, crenças e interpretações de suas experiências, a metodologia oferece uma maneira profunda de compreender e transformar a educação.

As narrativas dos participantes das pesquisas ofereceram aos pesquisadores uma visão rica e detalhada das realidades vividas pelos alunos e professores nos diferentes contextos educacionais. Capturar essas histórias por meio da pesquisa narrativa permitiu traçar diagnósticos mais assertivos sobre suas práticas e áreas onde mudanças podem ser necessárias para melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

A ação reflexiva também contribui para a construção de uma pedagogia mais crítica e responsiva às necessidades dos educandos. Ao ouvirem as narrativas dos alunos sobre suas dificuldades e sucessos, os professores podem ajustar suas abordagens para atender melhor às necessidades individuais de cada estudante, isso é especialmente importante em contextos de inclusão, em que os professores precisam adaptar suas práticas para acolher alunos com diferentes habilidades e limitações.

Outro aspecto importante que a pesquisa narrativa destaca é a importância do contexto sociocultural na prática pedagógica. As narrativas dos participantes frequentemente revelam como suas experiências educacionais são moldadas por fatores culturais, sociais e econômicos. No estudo de Vilela (2018), por exemplo, as narrativas dos alunos surdocegos mostraram como a falta de uma cultura inclusiva nas

instituições educacionais dificultava suas experiências de aprendizagem. Da mesma forma, no estudo de Moraes (2019), as narrativas dos alunos mostraram como as desigualdades de acesso às tecnologias digitais afetavam seu desempenho acadêmico.

Os agentes públicos da educação, gestores de instituições de ensino e educadores podem adotar práticas pedagógicas que sejam mais sensíveis às realidades vividas pelos grupos em que os profissionais estão inseridos. Isso implica não apenas a adaptação das estratégias de ensino para atender às necessidades específicas de estudantes, mas também a criação de um ambiente escolar inclusivo e equitativo, onde todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de sucesso.

Considerações Finais

A pesquisa narrativa, conforme proposta por Clandinin e Connelly (2015), é uma metodologia que permite a exploração profunda das experiências humanas por meio da narrativa compartilhada. Quando associada à educação, essa abordagem oferece uma lente única para entender como as práticas educacionais e sociais de uma região ou país são moldadas e ressignificadas ao longo do tempo.

Incorporar o vivido e experienciado através dos elementos presentes na realidade de cada participante envolvido em uma pesquisa sob a metodologia da pesquisa narrativa permite compreender mais claramente os fenômenos educacionais.

Como demonstrado por Vilela et al. (2021), as narrativas dos participantes atestam como esses elementos podem ser tanto uma força facilitadora quanto limitadora nas práticas educacionais e por integrar aos seus estudos acadêmicos-científicos abordagens sociológicas, históricas e filosóficas, a metodologia oferece um quadro epistemológico robusto para investigar as influências culturais nas experiências educativas.

Os resultados sugerem que a cultura não é apenas um contexto no qual as narrativas emergem, e sim um elemento ativo que molda e transforma as experiências dos participantes e a interação cultura/narrativa torna-se, assim, uma chave para compreender como as práticas educacionais evoluem em resposta às mudanças culturais.

Ao investigar essa interação, a pesquisa educativa pode ganhar uma nova dimensão legítima da realidade contemporânea, revelando não apenas as histórias individuais, mas também forças socioculturais mais amplas que moldam essas narrativas.

Ao valorizar as histórias de vida e as narrativas dos participantes, a metodologia possibilita uma compreensão profunda das interações entre indivíduos e os ambientes socioculturais, institucionais e temporais nos quais estão inseridos. O presente artigo explorou a epistemologia da pesquisa narrativa e suas aplicações práticas no campo educacional, demonstrando como essa metodologia pode gerar insights valiosos para a prática pedagógica, a formação de professores e a formulação de políticas educacionais.

Os estudos de caso apresentados neste artigo destacam o potencial metodológico para as variadas questões de natureza educacional. As histórias contadas por alunos, professores e mediadores revelam as barreiras e oportunidades presentes nas práticas educacionais cotidianas, oferecendo uma base sólida para a reflexão crítica e a mudança. Seja no contexto da inclusão de alunos com deficiências, no uso de tecnologias digitais na educação, ou na formação de professores, as narrativas permitem identificar áreas onde mudanças são necessárias e onde intervenções podem ser mais eficazes.

Uma das principais contribuições da pesquisa narrativa para o campo educacional é sua capacidade de promover a reflexão tanto entre os pesquisadores quanto entre os participantes. Ao compartilhar suas histórias, os indivíduos têm a oportunidade de refletir sobre suas experiências,

reinterpretá-las e ressignificá-las à luz de novos contextos e conhecimentos. Para os educadores, essa prática reflexiva é essencial para a transformação pedagógica, pois permite que eles adaptem suas práticas de acordo com as necessidades e expectativas dos alunos e das comunidades em que atuam.

Além disso, a pesquisa narrativa oferece uma ferramenta eficiente para a formação de professores. Ao integrar a narrativa nos programas de formação inicial e continuada, as instituições educacionais podem incentivar a construção de uma identidade profissional crítica e reflexiva entre os professores, capacitando-os para lidar com os desafios do ensino contemporâneo; as histórias compartilhadas por educadores revelam como a reflexão, sobre as experiências passadas e presentes, pode levar à transformação das práticas pedagógicas e ao desenvolvimento de abordagens mais inclusivas e inovadoras.

Por fim, a pesquisa narrativa tem implicações significativas para a formulação de políticas educacionais. As histórias dos participantes documentam as desigualdades, as barreiras institucionais e as oportunidades que moldam suas experiências educacionais. Ao conhecer essas narrativas, os formuladores de políticas podem criar intervenções mais eficazes e equitativas, que garantam uma educação de qualidade para todos. Isso inclui políticas voltadas para a inclusão educacional, a redução das desigualdades digitais e a promoção de programas de formação de educadores que incentivem a inovação por intermédio da prática reflexiva.

Embora este artigo tenha explorado alguns estudos e exemplos práticos da aplicação da pesquisa narrativa na educação brasileira, há ainda muitas áreas que estão sendo investigadas pelas pesquisas acadêmicas. A pesquisa narrativa oferece um campo vasto e flexível, que permite a explorar questões emergentes no campo educacional, como as implicações da inteligência artificial no ensino, as novas demandas educacionais em tempos de crise global e as transformações nas práticas pedagógicas diante das mudanças tecnológicas e sociais.

Em síntese, a pesquisa narrativa é uma abordagem metodológica versátil que oferece uma maneira única de investigar a experiência humana e as interações educacionais, sociais e culturais. Ao adotar essa metodologia, pesquisadores e educadores têm a oportunidade de compreender as complexidades do ambiente educacional de maneira mais profunda e reflexiva, promovendo uma educação mais inclusiva, equitativa e transformadora.

Referências

Borrego, C. L. (2020). A formação nos cursos superiores de tecnologia: um estudo das narrativas discentes (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Metodista, São Bernardo do Campo.

Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2015). Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa (2a. ed. rev.). Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU.

Dewey, J. (1979). Experiência e Educação (A Teixeira, Trad.). Atualidades Pedagógicas, 131. Companhia Editora Nacional; Editora Vozes.

Ferrarotti, F. (2010). Sobre a autonomia do método biográfico. O método (auto)biográfico e a formação. Organização António Nóvoa & Matias Dedo. EDUFRN; Paulus.

Gadamer, H. G. (1999). Verdade e método (F. P. Meurer, Tad.). Editora Vozes.

Gomes, L. F. (2019). Metodologias ativas e TDIC nas práticas pedagógicas: Um olhar sobre a formação e o trabalho docente no curso superior de tecnologia em hotelaria. (Dissertação de Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Moraes, C. A. P. (2018). Recursos digitais na matemática: prática docente na perspectiva de narrativas discentes do ensino fundamental (Tese de Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Passeggi, M. da C. B. S. (2011). A experiência em formação. *Educação*, 34(2). <https://revistas.eletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8697>.

Ricoeur, P. (2019). *Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação*. Edições 70.

Santos Filho, J. V. dos. (2019). *Percepções sobre a justiça restaurativa sob a ótica dos participantes envolvidos: estudo de uma escola da Baixada Santista*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Vilela, E. G. (2018). *Surdocegos e os desafios nos processos socioeducativos: Os mediadores e a tecnologia assistiva* (Dissertação de Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Vilela, E. G., Borrego, C. L., & Azevedo, A. B. (2021). Pesquisa narrativa: Uma proposta metodológica a partir da experiência. *Revista Estudos Aplicados em Educação*, 6(12), 75-84. <https://doi.org/10.13037/rea-e.vol6n12.8129>